

## A ARTE E O SENSÍVEL NA FORMAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

### Art and sensitivity in Occupational Therapy training

### El arte y lo sensitivo en la formación en Terapia Ocupacional

Grasielle Silveira Tavares

<https://orcid.org/0000-0003-4609-6792>

Universidade de Brasília, Departamento de Terapia Ocupacional, Brasília, DF, Brasil.

**Resumo: Introdução:** Este trabalho apresenta reflexões sobre as contribuições do projeto de Extensão Universitária intitulado Laboratório TOCAR (Terapia Ocupacional, corpo, arte e ressignificação) desenvolvido no Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília. **Objetivos:** Cartografar experiências de um grupo de extensão através do uso de linguagens artísticas para o desenvolvimento de potencialidades criativas na formação em Terapia Ocupacional. **Método:** Para o registro dos olhares, vivências e singularidades tomou-se como método a cartografia para conduzir a pesquisa, onde foi possível valorizar os movimentos próprios de cada sujeito e fazer uma escuta-escrita que conecta e articula histórias e fazeres. **Resultados:** As experiências se constituíram em um espaço de criação das linhas de força que articularam saberes oferecendo passagens ao que estava por vir e aos acontecimentos, demonstrando a importância da experimentação de metodologias e técnicas artísticas na formação do terapeuta ocupacional; lançar-se nas vivências destas atividades e estar atento à fruição do seu próprio processo criativo e estético ofereceu abertura para novas significações. **Conclusão:** Ao experimentarem e verem-se nas atividades, os participantes puderam se aventurar na criação de um circuito de conhecimento de expressões e comunicações gestuais sensíveis, ampliando repertórios para atuação profissional.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional. Tendências. Criação. Arte. Cartografia.

**Abstract: Introduction:** This work presents reflections on the contributions of the University Extension Project entitled Laboratory TOCAR developed in the Occupational Therapy Course at the University of Brasília. **Objectives:** To map experiences of an extension group through the use of artistic languages for the development of creative potential in Occupational Therapy. **Method:** For the looks, experiences and singularities, cartography was used as method to conduct the research, where it was possible to value the movements of each subject and make a listening-writing that connects and articulates stories and actions. **Results:** The experiences constituted a space for the creation of lines of force that articulated knowledge, offering passages to what was to come and to events, demonstrating the importance of experimenting with methodologies and artistic techniques in the training of the occupational; launching oneself into the experiences of these activities and being attentive to the fruition of one's own creative and aesthetic process offered opening for new meanings. **Conclusion:** By experiencing and seeing themselves in the activities, participants were able to venture into creating a circuit of knowledge of sensitive gestural expressions and communications expanding repertoires for professional performance.

**Keywords:** Occupational Therapy. Trends. Creation. Art. Cartography.

**Resumen: Introducción:** Este trabajo presenta reflexiones sobre los aportes del proyecto de Extensión Universitaria titulado Laboratorio TOCAR (Terapia Ocupacional, cuerpo, arte e ressignificação) desarrollado en el Curso de Terapia Ocupacional de la Universidad de Brasília. **Objetivos:** Mapear las experiencias de un grupo de extensión mediante el uso de lenguajes artísticos para desarrollar el potencial creativo en la formación en Terapia Ocupacional. **Método:** Para registrar miradas, vivencias y singularidades, se utilizó la cartografía como método para realizar la investigación, donde fue posible valorar los movimientos propios de cada sujeto y realizar un proceso de escucha-escritura que conecta y articula historias y actividades. **Resultados:** Las experiencias constituyeron un espacio para la creación de líneas de fuerza que articularon conocimientos, ofreciendo pasajes a lo porvenir y acontecimientos, demostrando la importancia de experimentar metodologías y técnicas artísticas en la formación de terapeutas ocupacionales; Lanzarse a las experiencias de estas actividades y estar atento al disfrute del propio proceso creativo y estético ofreció una apertura a nuevos significados. **Conclusión:** Al experimentarse y verse en las actividades, los participantes pudieron incursionar en la creación de un circuito de conocimiento de expresiones y comunicaciones gestuales sensibles, ampliando repertorios para el desempeño profesional.

**Palabras-clave:** Terapia Ocupacional. Tendencias. Creación. Arte. Cartografía.

#### Como citar:

Tavares, G. S. (2025). A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1): 3040-3054.

DOI: DOI 10.47222/2526-3544.rbto65045.

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre as contribuições do projeto de Extensão Universitária intitulado Laboratório TOCAR (Terapia Ocupacional, corpo, arte e ressignificação) desenvolvido no Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília. O projeto faz uma interface entre as áreas da terapia ocupacional, saúde, arte e corpo, tendo como eixo estruturador a experiência sensível e a formação criativa no fazer humano. O projeto realizou-se com a coordenação de terapia ocupacional em conjunto com um professor de artes cênicas e uma historiadora com formação em dança circular, sendo o laboratório realizado todo semestre com alunos de todos os cursos da Universidade de Brasília e profissionais da rede assistencial. Paralelamente ao laboratório de experimentação existem ações junto à comunidade (geralmente os alunos passam pelo laboratório em um semestre e no seguinte participam das ações com a comunidade), tendo o foco na produção de vida, mobilizações da sensibilidade e na valorização do saber da experiência para acesso das potencialidades que podem nos ajudar a intensificar uma formação conectada à vida.

O sensível é abordado na materialidade dos fenômenos, do suporte através do qual eles se dão a perceber, de como nosso corpo recebe as emissões e as responde, pois, oferecer abertura para o saber-sensível é possibilitar o encontro dos sentidos, ou seja, como percebemos o que nos atravessa e os fenômenos criados para se relacionar com o mundo e tocar suas imagens (Coccia, 2010, p. 19).

Desta forma, quando as coisas passam a ser fenômenos, configuram a própria possibilidade de re-experimentar o mundo. Uma formação sensível possibilita, durante a experimentação, acessar os conteúdos (sociais, emocionais, físicos/orgânicos, culturais) e deslocá-los para novos sentidos, novos modos de ser e fazer que possibilitam a criação de espaços de produção de conhecimentos conscientes e críticos.

O trabalho do terapeuta ocupacional orientado pelo sensível leva em consideração

[a] simplicidade do original, a vida de todos os dias, que inclui os diversos modos de vida, as maneiras de ser, de pensar, de se situar e de se comportar em relação ao outro e a natureza, dá o caráter experimental à vida cotidiana, na qual, o ato de compreender o conhecimento comum se torna mais relevante que explicar os fatos (Maffessoli, 1998, p. 37).

[o] corpo como produtor de ambientes e a (o) terapeuta ocupacional sendo um corpo que acolhe outros corpos e que pode desenvolver como prática de si/pode se desenvolver nas experimentações com as atividades, habilidades para o cuidado uma presentificação das habilidade (Santos et al;2024)

Este trabalho ancora-se no referencial produzido por Mariângela Quarentei (2001, p. 8), que tem trabalhado uma concepção da terapia ocupacional como produção de vida, sendo esta compreendida como modos de estar no mundo, e as atividades humanas assim como qualquer atividade do vivo, não são de modo algum apenas realização de tarefas, produção de produtos ou aquisição de habilidades, são acontecimentos de vida e está ligada a algo que trata um mistério, a potência de expressão-criação de mais-vida de tudo que é vivo.

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

É na realização das atividades humanas que gestos sensíveis geram potência de criação, para que o sujeito em conexão consigo e com o mundo possa experimentar os acontecimentos, ações, objetos e então acessar processos de reinvenção do cotidiano.

Mobilizando experimentações sensíveis e buscando produzir outras experiências de vida, o projeto (informação suprimida) utiliza a arte como uma possibilidade de intervir nessa transformação do homem e do mundo, e operar como forma de conhecimento humano. Ao entrar em contato com a arte, os participantes podem encontrar sentidos que não são possíveis de se reconhecer de outra maneira. Segundo Duarte Júnior (2010), o uso da arte em contextos de formação educacional promove elementos para que o sujeito desenvolva suas atividades como um processo pelo qual vá encontrando sentidos e significados para sua participação no mundo e que orientem sua ação, expressão e comunicação com os outros. Com base nos estudos do fazer artístico, Kagan (1987) diz que:

a arte foi criada pela humanidade como uma espécie de duplicação de sua atividade vital real, com a função de ampliar a experiência da vida prática do homem e complementá-la com a experiência da 'vida em arte', uma experiência organizada com mais efetividade que a experiência real, formada de maneira espontânea (Kagan, 1987, p. 215 *apud* Castro, 2001).

Assim, a ação de experimentar se revela como um meio de produzir uma resposta a partir do sensível e, nesta construção, a ideia de experiência resulta dos afetamentos provocados pelo contato com os acontecimentos do mundo. Nas palavras de Heidegger (1987 *apud* Bondía, 2002, p. 25),

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

É na experimentação das atividades que as pessoas exercem o potencial criador, pois elas são capazes de instaurar novos modos de ser, agir e sentir, contribuindo para a expansão de sua consciência, desta forma, o uso de metodologias artísticas como orientadoras e constituintes de um meio de expressão e comunicação fomentaram as ações do projeto, na implicação de uma abertura ao saber-sensível na perspectiva da terapia ocupacional. Segundo Castro (2001, p. 7), no exercício da profissão "as atividades artísticas assumem um importante lugar, pois se apresentam como um sistema de ampliação e potencialização de possibilidades, que se transformam em autoconhecimento e aprofundam a experiência do viver".

A proposta de pensar o lugar da criatividade nas atividades em terapia ocupacional e na formação dos estudantes nos possibilita reunir material para as intervenções clínicas, políticas e poéticas capazes de desmanchar formas instituídas de se produzir conhecimento nas universidades. Segundo Castro (2001), o momento criativo, tanto na arte como na ciência, é marcado pela mistura de razão e intuição, de medidas friamente calculadas e acasos. Para Ostrower (1998, p. 248-285):

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

A criatividade é vista como potencial, e a criação, como realização do potencial (...) sendo o processo criador imaginativo e concreto (...) o sensível e o intelectual reforçam-se mutuamente, a sensibilidade abrindo caminho para novos pensamentos e o pensamento estruturando as emoções.

Entende-se que o fazer artístico é um fazer criativo e em seu processo de realização constitui-se como um caminho de compreender-se e desenvolver-se, de realizar-se naquilo que cada um traz de melhor dentro de si em termos de potencial individual (Ostrower, 1990). As ações humanas expressam a vida humana e as ações criativas, em especial, apresentam a propriedade singular de constituírem a existência humana, uma vez que cada ser humano através da atividade criativa expressa sua singularidade e apresenta seu modo de viver e se relacionar com o mundo. A experiência criativa possibilita a construção de trajetórias singulares e coletivas, levando à consciência do existir e do viver na sua diversidade (Castro, 2001).

A busca de entendimento sobre a natureza do fenômeno criativo equivale a busca de conhecimento sobre a própria natureza do ser humano, desta forma o processo criativo se dá em todas as atividades humanas, desde as mais simples até as extremamente complexas. Sendo assim, as atividades que compõem a formação do terapeuta ocupacional visam o exercício do seu potencial criador e colaboram com a instauração de novos modos de invenção (Castro, 2001). Para Quarentei (2001, p. 9) "a reflexão quanto aos fazeres está muito mais no como se faz, do que no que se faz", sendo assim a experimentação das atividades na graduação em terapia ocupacional são importantes para que a pessoa possa estar no lugar de produtor do fazer, possa sentir-se pertencente e capaz de criar um repertório para sua atuação profissional.

Sendo assim, as ações do projeto TOCAR foram capazes de acionar encontros que interferiram na produção de subjetividades, agindo como operadores de movimentos, invenções, deslocamentos e rupturas. As experiências se constituíram em um espaço de criação das linhas de força que articulam saberes, oferecendo passagens ao que estava por vir e aos acontecimentos. Ao longo das experiências, estratégias metodológicas puderam iniciar um processo de consolidação e evidenciar suas contribuições que ganharam forma neste registro cartográfico, potencializando os modos de pensar, fazer e cuidar em terapia ocupacional.

## **Metodologia**

Para o registro dos olhares, vivências e singularidades tomou-se como método a cartografia para conduzir a pesquisa, levando em consideração uma variedade de sujeitos e processos que estão em constante mudança, onde é possível valorizar os movimentos próprios de cada um e fazer uma escuta-escrita que conecta e articula histórias e fazeres.

Em uma cartografia, um objeto de pesquisa é tomado apenas como testemunho de uma vontade de viver, de durar, de crescer e intensificar a vida. A criação torna-se, mesmo, a gênese do método cartográfico no acompanhamento de processos e movimentos. O cartógrafo não se afasta do rigor do método, mas abre-se para sua resignificação. A leitura do material obtido, a análise dos achados e a composição da produção escritural foram guiadas por aquilo que é denominado de gestos atencionais, Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 9(1), 3040 – 3054, 2025.

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

uma das pistas que a cartografia lança. (Rolnik, 2007). A Cartografia foi utilizada com o intuito de acolher as experiências que pudessem ultrapassar o olhar inicial do pesquisador ao abarcar uma estrutura fluida que possibilitou acolher possíveis imprevistos.

As experiências do projeto (informação suprimida) acontecem em dois módulos (cada módulo com a duração de um semestre), sendo o primeiro dedicado a um laboratório de experimentações artísticas e corporais que ocorre na universidade e conta com encontros/oficinas semanais com duração de três horas, com média de 20 participantes em cada semestre, entre eles discentes (da terapia ocupacional, fonoaudiologia, saúde coletiva, fisioterapia, farmácia, enfermagem) e terapeutas ocupacionais, sendo coordenado por uma equipe de arteterapeutas, professores de artes cênicas, danças circulares e docentes de terapia ocupacional. O segundo módulo está atrelado a ações comunitárias em creches, unidades de saúde, Sesc – serviço social do comércio, Organizações não Governamentais (ONGs), coletivos de arte e cultura, todos existentes na mesma região administrativa (informação suprimida).

Em média são realizados 20 encontros no semestre com duração de três horas cada. As proposições de cada encontro (laboratório e ações comunitárias) são pensadas em reunião com as equipes que coordenam o laboratório, sendo feito um diário de campo individual e um grupal com fotos e expressões que o grupo queira arquivar sobre o registro vivido. Os coordenadores, com todo o material que vai sendo constituído, fazem as conexões cartográficas na criação de mapas vivos que a todo momento ganham novos movimentos e composições.

No decorrer de 2019, o laboratório criou um grupo de estudos que ocorreu mensalmente possibilitando um espaço de produção, análise e reflexões críticas das ações contínuas desenvolvidas no projeto. Desta forma, unir a pesquisa com a prática (ensino e extensão) tem evidenciado um trabalho que tem se aberto para construir passagens para o novo e inventivo em terapia ocupacional. O desejo é contribuir na construção de um olhar que amplia horizontes, estabelece pontes no acesso à criação e participação, de uma formação sensível e humana.

### **Relatando uma experiência**

Optou-se neste artigo, por fazer um recorte da experiência vivenciada no módulo 1 do laboratório TOCAR, que aconteceu no ano de 2018 e 2019 na Universidade de Brasília. Neste período o projeto contou com oitenta extensionistas, sendo doze deles profissionais já atuantes nos diversos contextos de Terapia Ocupacional. O processo cartográfico se compôs nesta investigação por meio de registros fotográficos, exposições, filmagens, atividades plásticas, performances e composições em espaços culturais. Houve a construção de um diário de campo de cada extensionista e um diário coletivo do grupo. A cartografia possibilitou reunir os principais analisadores na tentativa de mapear a realidade, de acompanhar processos de produção, de possibilitar o acompanhamento de movimentos e intensidades vivenciadas pelos participantes que se dispuseram à experimentação na produção sensível e criativa.

Em cada encontro no laboratório de extensão seguiu-se três momentos, que foram organizados com a finalidade de ir acolhendo o corpo de cada pessoa e o corpo grupal, que se forma nos encontros. Momento 1- “agir consciente”, neste primeiro momento foram realizadas atividades corporais de automassagem, relaxamento, meditação e consciência corporal, sendo alternadas de acordo com o movimento e

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

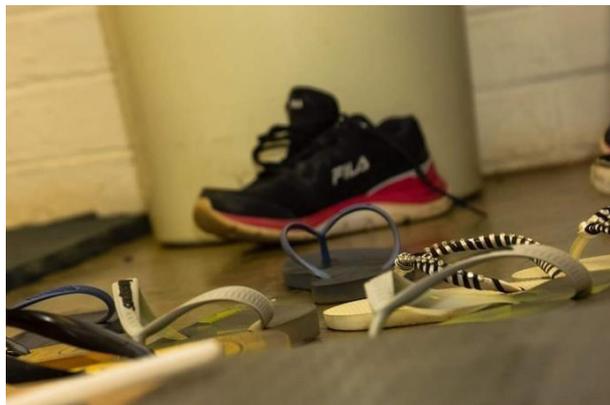
necessidades do grupo e levaram os participantes para uma auto-observação, de permitir ao corpo chegar naquele local, se perceber e se conectarem com a proposta. No segundo momento – Momento 2 - foi explorado o “agir criativo-inventivo” onde as atividades artísticas foram realizadas (pintura, desenho, colagem, fotografia, escrita expressiva, modelagem em argila, trabalho com tecidos, etc.) e possibilitaram aos participantes se deslocarem para experiências novas, permitindo entrar em contato com diferentes formas de criar, de permitir-se atravessar situações inesperadas e apreciar modo de fazer. No terceiro momento - Momento 3 -, realizou-se o “agir reflexivo” onde os conteúdos apresentados ganhavam forma e contornos nas narrativas e escritas criativas dos diários. As pistas cartográficas possibilitaram a inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir, sendo um caminho possível para o mergulho na experiência coletiva e a compreensão do jogo de forças nela implicados. Os valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos e crenças se apresentaram no processo formativo, na busca de sentidos e significados que foram orientando as ações dos participantes e pesquisadores.

Foram respeitados aspectos éticos e legais envolvendo seres humanos, preconizados pela Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, sob o número 21696919.0.0000.5540, sendo utilizados o TCLE e o Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz, solicitados e aplicados para a participação. As conversas e vídeos registrados foram transcritos e possibilitaram a produção deste registro cartográfico que compõem as marcas que afetaram a pesquisadora na experiência dos diversos grupos realizados.

## Resultados e Discussão

### A experiência do gesto sensível

Início de semestre, os extensionistas chegam ao laboratório com olhares apreensivos, uma mistura de curiosidade, coragem e medo. O que vou encontrar ali? Essas sensações e pensamentos são interrompidos pelo convite a gestos iniciais de tirar o sapato, encontrar um lugar no tatame, olhar o espaço e ver-se nele. Alguns se encostam na parede, outros tem um colega como fonte de apoio, trocam olhares e abrem um sorriso quando veem alguém conhecido no ambiente.



**Figura 1:** Encontrando um lugar  
**Fonte:** Arquivo próprio

Nesse ritual de “chegada” notou-se a especificidade do gesto como algo simbólico e como potência

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

subjetiva, alguns rapidamente deixaram os sapatos e se jogaram no chão, uns esperaram o grupo estar preparado para ficarem descalços e adentrá-lo, escolhidos pelos lugares que sobravam, outros organizaram seu sapato em um cantinho e também o fizeram com seus corpos. Todos estes gestos “expressam uma intenção e só existiram a partir de uma relação entre sujeito que produz o gesto e sujeito que lê o gesto produzido por outrem” (Flusser, 1994, p. 8). Sendo assim, os gestos engendrados nas atividades contribuem para que elas possam ter um chão, uma base para se deslocar, criando, com a experiência, outros territórios existenciais (Deleuze & Guatarri, 1995).

Era preciso uma pausa para distanciar-se do ritmo de fora, e ir criando um ambiente seguro e confiável, mobilizando a experiência formativa, assim utilizou-se um repertório de música para acolher o que se apresentava como “vital” no encontro. Os olhos iam se fechando e o foco voltando-se para a respiração, nesse momento era possível encontrar um fluxo que conectava inicialmente o fazer de um e de todos. Então era feito o convite para escutar o corpo e os locais que pediam atenção e cuidado.



**Figura 2:** Tocar-se  
**Fonte:** Arquivo próprio

O grupo então observa, percebe as sutilezas nos detalhes, acolhe a diferença, o movimento e as contradições, permitindo que os conteúdos cheguem e possam ser compartilhados, ganhando forma em diferentes tipos de toques. Para Quarentei (2001, p. 9) a experimentação e o cuidar-de-si, possibilitam que “o limite, ou seja, o que está fora seja capaz de suportar o que está crescendo, no gesto, na técnica, na criatividade e na matéria humana, fazendo com que os sujeitos possam se desprender de formas pragmáticas e recriar-se de forma contínua”.

Segundo Lima (1997, p. 83),

em primeiro lugar, podemos pensar que, para que o momento poético se dê, é preciso instaurar um contexto em que uma certa criação seja possível; é preciso criar um ambiente que implique um respeito pela capacidade criativa e formadora, que crie uma seriedade no fazer, opondo-se à infantilização presente em muitas propostas.

É possível observar que neste primeiro instante, estar com os olhos fechados era uma situação possível para a atividade acontecer, como se cada um estivesse protegido de ser visto e julgado. O contato consigo mesmo provocou um acesso a corporeidade que passou a se afetar, perceber e se mover, em um fluxo de forças e formas que precisavam encontrar lugar fora da exacerbação da racionalidade

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

proposta na formação hegemônica da universidade. Isso requer que se possa cuidar dos encontros em um intenso processo de “apreciá-lo, de apreciar a atividade e o que nos acontece e não somente de fazê-la, mas compreender a importância do como se faz” (Quarentei, 2001, p. 7).

Com isto ficaram evidentes aspectos de urgência do resgate do ato de tocar e serem tocados, sendo que o toque merecia ser explorado também pelo olhar, por cheiros e sons, notou-se a necessidade do autocuidado e novas formas de cuidar do próprio corpo; “desmitificando a ideia de um ‘corpo pronto’, e a possibilidade de conhecer o dinamismo corporal que precisa ser retomado e cuidado a cada dia” (Castro, 2001, p. 67).

A apreciação do fazer necessita que a experiência aconteça, sendo esta aqui compreendida como “aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Bondia, 2002, p. 22). Cabe aqui enfatizar que a experiência não pode ser considerada apenas pelo recebimento de informações, pois nos dias atuais os sujeitos passam horas buscando milhares de informações sem que nada lhes aconteça, lhes afete. Dentro desta lógica atual, os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça. Esse “sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor e uma mercadoria” (Hall, 2019, p. 54).

No Projeto (informação suprimida) a valorização da experiência sensível, tem possibilitado o redimensionamento do sentir, do pensar e do fazer na formação do potencial criativo em si, através da experiência do vivido no presente e da invenção de novos modos de fazer. Ao experimentar e ver-se nas atividades a pessoa pode então experimentar outras relações ciente das condições objetivas e subjetivas do processo de significações e ressignificações que constroem a realidade humana (Zanella, 2006). Nesse sentido, é preciso aventurar-se na criação de um circuito de conhecimento que atue como um dispositivo para formar planos de expansão da vida, permitindo um tráfego de significados nas expressões e comunicações gestuais sensíveis, ampliando repertórios e acolhimento das experiências, instaurando assim, nas práticas de cuidado e produção da saúde outros regimes do corpo, do sensível, de linguagem e de pensamento.

### **O potencial criativo na formação**

O espaço do acolhimento e os gestos produzidos no momento de chegada possibilitaram a experimentação de um corpo-processo, que foi se constituindo, se desfazendo, se formando no encontro com o mundo e consigo mesmo. Os vínculos foram sendo ampliados e o grupo passou a acolher novos acontecimentos que emergiram nas atividades artísticas. Aqui serão descritas as experiências vividas em duas atividades artísticas, sendo a assemblage, um procedimento artístico proposto e seguido pela confecção da colcha de retalhos.

#### ***Assemblage: encontros com os fazeres***

Nesta atividade foi solicitado que ao longo da semana os participantes separassem objetos que fizeram parte do seu dia-a-dia e trouxessem ao laboratório. A assemblage é um termo francês usado para definir colagens com objetos e materiais tridimensionais, baseada no princípio que todo e qualquer material

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

(papéis, tecidos, madeiras, isopor, etc.) ao ultrapassar as limitações da superfície, rompe o limite da pintura, criando uma junção da pintura com a escultura. E trabalha com a concepção de que os objetos díspares reunidos na obra, ainda que produzam um novo conjunto, não perdem o sentido original (Andrew Graham-Dixon, 2012).

Os participantes levaram vários objetos e no laboratório começaram a construção da *assemblage*. Nessa atividade puderam criar, tiveram uma experiência artística e imagética que contava um pouco como tinham vivido aqueles dias e visualizavam alguns elementos de seus cotidianos. Houve um tempo para olharem o material que levaram e observaram o que ele comunicava, ou seja, apreciar os objetos e gestos que eles apresentavam. Desta forma, as embalagens de chocolate, saquinhos de chá, absorvente, flores secas, enfim, uma diversidade de rastros e vida foram ganhando espaço de experimentação e outras significações. Segundo Quarentei (2006), todo processo terapêutico ocupacional requer três ações: apreciar (no sentido de deixar-se afetar pelo outro, é saber-se, é ver, reconhecer seu modo de ser e fazer), experimentar (ir além dos resultados, se abrir ao novo, acolher o inesperado), afirmar (fazer valer o seu sentido, afirmar o acontecimento em intensidade e autenticidade).



**Figura 3:** Assemblage: elementos cotidianos  
**Fonte:** Arquivo próprio

A apreciação da atividade exigiu olhar os materiais, reconhecê-los, escolher os que iriam compor o trabalho final. Fazendo e se vendo nesse fazer, compreendendo-se na linguagem e nos gestos humanos, as pessoas se conectam a elementos que estão presentes e constituem a sua produção de vida (Quarentei, 2001). Na assemblage acima, a participante traz vários elementos como o fato de estar em um período de muita ansiedade e percebe buscar por chocolate constantemente naquela semana, mas ao observar uma aceleração em si, diz ter feito um chá no intuito de se cuidar e possibilitar um ritmo mais calmo no meio daquela aceleração diária. Ela traz estas reflexões enquanto experimenta os materiais na construção da *assemblage* e vai dando cores ao fundo do trabalho artístico que estava construindo, afirmando dessa maneira os sentidos e intensidades produzidos. Foi possível notar que ao “criar”, o fazer artístico ofereceu um sentimento de conectividade. De acordo com Fayga Ostrower (1998, p. 28):

[O trabalho de arte] é uma realidade que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar: o sentimento de um crescimento interior, em que nos ampliamos em nossa abertura para a vida.

E, este fazer, numa perspectiva da Terapia Ocupacional, apresentada por Lima (1997),

Trata-se aqui da vivência de "intensidades e experiências que possam se definir e ganhar contorno através de certas matérias de expressão e comunicação, num movimento que é, em última instância, de criação de mundos (...) dando corpo e consistência a uma identidade processual, uma identidade complexa, uma identidade feita de diferenças, (...), enfatizando o imprevisível, o surgimento de novas figuras e formas (Lima, 1997, p. 9).

Nessa perspectiva, as imagens poéticas produzidas nos objetos tridimensionais do grupo, anunciavam a necessidade de libertação do olhar diante das práticas que reduzem a vida a afazeres mecânicos e automáticos e a importância de serem atravessados por composições de vida que até então não conseguiam chegar à superfície para expressar e se comunicar com os outros. As narrativas sobre a assemblage demonstraram que o que cada um estava vivenciando foi capturado pelo processo artístico que revelou conteúdos inusitados possibilitados pela potencialidade dos encontros. Para Kneller (1987) a arte neste momento torna-se uma ferramenta poderosa, pois é capaz de lidar com o transitório e com a contradição dos padrões vigentes, possibilitando acesso da sensibilidade para encontrar o vital.

Notou-se que na realização da assemblage, muitos participantes vivenciam uma experiência disruptiva que segundo Lima (1997, p. 158) "é provocada pela permeabilidade ao estranho, que, ao ser acolhido, leva a subjetividade a novas configurações, nos exigindo a composição de um novo corpo que possa encarnar a novidade que foi acolhida e suportar o que vier na experiência". Para criar é, portanto, necessário uma certa abertura ao fora, pois é do exterior que podem provir os verdadeiros acontecimentos. No acontecimento, segundo Favre (2004), o encontro com o estranho, rompe a teia de significações, desfaz a organização do sujeito e coloca-o diante do não-senso, instalando rupturas em modos de ser para criar, com as atividades, novas possibilidades de estar no mundo.

Para Lima (1997) a experiência da criação é uma experiência limite, que nos coloca na fronteira de nós mesmos, no limite de abandonarmos uma antiga configuração e nos fazermos outro. Coloca em jogo a experiência do informe e a capacidade de dar forma, de criar. Estes aspectos foram observados no grupo a partir do momento que sentiram confiança para criar, se afastaram dos julgamentos e se mostraram abertos e disponíveis para experimentarem algo que não se controla, o resultado final, mas entende-se que a aprendizagem acontece em ato, no desvelar-se das múltiplas atividades humanas.

É a partir desta identificação que se pode elaborar gestos e ações para cuidar daquilo que foi encontrado, indo na direção da transformação de conteúdos, desenvolvendo uma capacidade de discriminação de vivências, de uma reflexão e um entendimento e conseqüentemente, como desdobramento, da realização das escolhas.

### Colcha de retalhos: costurando composições criativas

A preocupação em cuidar dos encontros mostrou aos coordenadores o quanto as atividades realizadas no laboratório reverberavam a semana toda nos corpos e nas vidas dos/das participantes. Eram histórias que se perderam e se reconstruíram no meio de tantas outras. Para isto, deixamos no início do projeto um pedaço de tecido com cada participante, que poderia ser utilizado para criar algo que apresentasse a experiência vivida, desta maneira, no final foi proposto juntar esses pedaços na formação de um todo e o grupo resolveu fazer uma colcha, que sempre era aumentada com as construções dos extensionistas que iniciavam o projeto no semestre seguinte.



**Figura 4:** Colcha de Retalho

**Fonte:** Arquivo próprio

A construção da colcha foi, para alguns, algo processado e vivido do início ao fim, com bordados constantes, aprendizagens de técnicas, escolha de elementos da natureza para tingir o pano, criação de texturas que pudessem trazer diferentes sensações a quem tocava, e também, mobilizar as experiências de estudantes que construíram rapidamente para entregar, e ficaram agoniados com um espaço vazio que fazia convite a expressar e se comunicar e os colocava em um lugar de não saber o que fazer. Diversas foram as formas de afirmar as criações ocorridas e o potencial criativo que cada participante tinha dentro de si.

Segundo Quarentei (1997, p. 3):

As atividades que compõem a formação do terapeuta ocupacional visam o exercício do seu potencial criador, através da reflexão, análise e experiência de si na realização de atividades ao longo da graduação. Nota-se desta maneira que o terapeuta ocupacional é convocado a agir na complexidade do existir, pois trabalhar com as atividades humanas exige um olhar que acompanha a trama que envolve a constituição do fazer e do criar na construção da vida.

Segundo Quarentei (1997, p. 3):

As atividades que compõem a formação do terapeuta ocupacional visam o exercício do seu potencial criador, através da reflexão, análise e experiência de si na realização de atividades ao longo da graduação. Nota-se desta maneira que o terapeuta ocupacional é convocado a agir na

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

complexidade do existir, pois trabalhar com as atividades humanas exige um olhar que acompanha a trama que envolve a constituição do fazer e do criar na construção da vida.

Ao mesmo tempo em que a colcha era um produto do fazer individual, nela também estavam registradas as construções e partilhas coletivas, pois notou-se a relação entre o agir e o afetar-se pelo agir, que permite que estágios iniciem e cessem dando lugar a outros, organizando e selecionando momentos que contribuíram para o sentido geral de cada experiência criadora. É importante que a experiência possibilitada na formação do TO respeite que os conteúdos que emergem em cada um possam ser observados e acolhidos numa prática ética-estética. A “experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar, nem “pré-ver” nem “pré-dizer”. (Mecca, 2008, p. 35).

O momento das costuras dos retalhos foi trabalhoso, minutos apreciando os materiais, depois ouvindo as narrativas e observando o local de cada retalho na composição da obra que carrega as afetações coletivas e singulares dos processos criativos vividos. A arte atuou nesse contexto como uma outra forma de dizer da condição humana do grupo, “de promover trocas sociais, contato entre aspectos subjetivos e objetivos da vida de cada participante e encontrar novos significados” (Castro, 2001, p. 47). A observação dos gestos sensíveis pelo terapeuta ocupacional traz a potencialidade do fazer comunicar-se, trazendo um pouco sobre a pessoa que faz, e a sua experiência estética, ou seja, seus modos de fazer e de se expressar no mundo. Sendo assim Silveira (1991 *apud* Castro 2001, p. 56) traz que o gesto:

(...) tem um valor enorme, o olhar tem uma importância muito grande, (...), (há) mil maneiras de comunicação que não são rigorosamente a palavra (...) há muitas outras maneiras de comunicação (Silveira, 1991, vídeo).

Imergir nos territórios da arte, pelo viés da Terapia Ocupacional nos conduz a um outro campo de conhecimento,

um universo fascinante constituído de materialidade, espiritualidade, criação, referências, encontros e desencontros, um caminho de busca, que proporciona um fazer que pressupõe sensibilidade, observação, improvisação, expressão e composição através do desenvolvimento das linguagens artísticas (Castro, 2001. p. 94).

Na graduação de Terapia Ocupacional, vários docentes têm construído experiências e escritas que embasam o trabalho com a arte, cultura e corpo como arcabouço que sustenta os desafios proporcionados pelas atividades que exploram a criatividade e autoinvenção de cada um. Segundo Inforsato, Buelau, Castro & Lima (2019,p.138):

Formar-se terapeuta ocupacional é preparar-se para um exercício profissional que se ancora nas relações. Isso requer um corpo que possa sustentar os encontros com outros corpos, acolhendo momentos de impasse e dor e criando nas possibilidades de existência.

Sendo assim, o trabalho docente, na perspectiva do sensível, demanda autoria, criatividade, pensamento movente e inventivo, ou seja, é preciso fazer um exercício de mirar a realidade numa perspectiva poético-  
Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 9(1), 3040 – 3054, 2025.

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

filosófica, abrindo-se a novidade, aos novos sentidos. São movimentos que nos interrogam, desestabilizam, nos obrigam a pensar de novo, a pensar o não pensado. Essa abertura compreensiva tem a ver com a própria natureza da experiência: acontecimentos sempre abertos a novas significações (Domingo & Ferré, 2010). Portanto, é como aprender a fazer coisas que não se sabe o que serão, de acordo com Domingo (2013), é preparar-se para o imprevisto, mas sem sentir-se perdido, senão reconhecendo caminhos por onde experimentar (tatear, perceber, sentir) essa imprevisibilidade que se resolve com criação, com invenção de novas formas abrem possibilidades de expressão e comunicação do que se vive. Compreende-se, a partir de todas as experiências acumuladas no Projeto (informação suprimida), que o entendimento da importância das atividades artísticas para a atuação em terapia ocupacional e dos vários sentidos e das inter-relações que este fazer propõe deve ser promovido também dentro da estrutura curricular da graduação. Pois o terapeuta ocupacional necessita da experimentação prática de metodologias e técnicas artísticas, de compreender concepções filosóficas que perpassam seus usos, de lançar-se nas vivências destas atividades e estar atento à fruição do seu próprio processo criativo e estético para sustentar seus fazeres cotidianos no agenciamento de vidas, desejos e mundos.

### **Conclusão**

A experiência do Projeto TOCAR voltou-se para a valorização do sensível, dando destaque a simplicidade do original, a vida de todos os dias, pois nas delicadezas dos gestos está o caráter experimental da vida cotidiana. Desta forma o espaço construído possibilitou o redimensionamento do sentir, do pensar, do fazer e do dizer na formação do potencial criativo em si, através da experiência do vivido no presente e da invenção de novos modos de fazer. Ao experimentarem e verem-se nas atividades, os alunos puderam se aventurar na criação de um circuito de conhecimento que atuou como um dispositivo para formar planos de expansão da vida, permitindo um tráfego de significados nas expressões e comunicações gestuais sensíveis, ampliando repertórios e acolhimento das experiências, instaurando assim nas práticas de cuidado e produção da saúde outros regimes do corpo, do sensível e de linguagem e das trocas coletivas.

### **Referências**

Bondía J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>

Castro, E. D. (2001). *Atividades Artísticas e Terapia Ocupacional: construção de linguagens e inclusão social* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://repositorio.usp.br/item/001177511>

Coccia, E. (2010). *A Vida sensível*. Cultura e Barbárie.

Domingo, J. C., & Ferré, N. P. de L. (2010). La experiencia y la investigación educativa. In J. C. Domingo & N. P. de L. Ferré (Eds.), *Investigar la experiencia educativa*. Morata.

Graham-Dixon, A. (2012). *Arte, o guia visual definitivo*. [S.l.]. Publifolha.  
Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 9(1), 3040 – 3054, 2025.

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

Domingo, J. C. (2013). Lugares de experiência, espaços de formação: o saber e a experiência na formação inicial dos professores. In A. Ferrari (Org.), *A potencialidade do conceito de experiência para educação*. Ed. UFJF.

Duarte Junior, J. F. (2010). *O sentido dos sentidos: e educação (do) sensível*. Criar Edições.

Deleuze G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia Vol.1*. (1th ed.). Editora 34.

Favre, R. Viver, pensar e trabalhar o corpo como um processo de existencialização contínua. *Revista Reichiana*, 13, 75-84. <https://www.hernankesselman.com.ar/viver-pensar-e-trabalhar-o-corpo-como-um-processo-de-existencializacao-continua/>

Flusser, V. (1994). *Los gestos: Fenomenología y Comunicación*. Editorial Herder. Guatarri, F., &

Rolnik S. (1986). *Micropolítica: cartografias do desejo*. (2ª. ed.). Vozes.

Heidegger, M. (1987). La esencia del habla. In M. Heidegger (Ed.), *De camino al habla*. Edicionaes del Serbal.

Inforsato, E.A; Buelau, R.M.; Castro, E.D.de & Lima, E.M.F. de A. Arte, saúde e cultura na formação em Terapia Ocupacional: atividades, corpo e produção de subjetividade na experiência do Pacto. In: Silva, Carla Regina. (Org). *Atividades humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. 2 ed. São Paulo: Hucitec; São Carlos, SP: AHTO - Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, 2019.

Kagan, M. (1987). El Arte en el sistema de la actividad humana. In Colectivo de autores. *Estética, selección de lecturas*. Editorial Pueblo y Educación.

Kneller, G. (1987). *Arte e Ciência da criatividade*. (9th ed.). IBRASA.

Lima, E. M. F. A. (1997). *Clínica e Criação. A utilização de Atividades em Instituições de Saúde Mental* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/beth/clinica.pdf>

Lima, E. M. F. A., & Pélbart, P P. (2007). Arte, clínica e loucura: um território em mutação. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, 14(3), 709-735. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000300003>

Mecca, R. C. (2008). *Experiência estética na terapia ocupacional em saúde mental: gestos na matéria sensível e alojamento no mundo humano* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5163/tde-15122008-163550/publico/RenataCMecca.pdf>

Quarentei, M. S. (2001). Terapia Ocupacional e a Produção de Vida. Porto Alegre. In *Conferência de Encerramento do 7 Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional*. Porto Alegre.

A arte e o sensível na formação em Terapia Ocupacional

Quarentei, M. S. (2007). Do ocupar à criação de territórios existenciais. In *Anais do Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional*. Goiânia.

Silveira, N. da. (1981). *Jung: vida e obra/Nise da Silveira*. (7th ed.). Paz e Terra.

Ostrower, F. (1998). A construção do olhar. In A. Novaes (Org.), *O olhar*. Cia das Letras.

Ostrower, F. (1990). *Acasos e criação*. Campus.

Ostrower, F. (1989). *Criatividade e processos de criação*. (7th ed.). Vozes.

Santos, C.C; Barros, F.A.C; Silva, J.A; Mecca, R.C. Tão perto, tão longe: fragmentos de proximidade e distância na aprendizagem com práticas artísticas e corporais. In: Cardoso, Tavares, Oliveira (2024). *Experiências sensíveis e críticas em terapia ocupacional: (entre) linhas formativas*. – 1 ed.- São Paulo: Hucitec, 2024.-359p.(Coleção Terapia Ocupacional e Interfaces: Tradições e Inovações, v.1).

Zanella, A. V. et al. (2006). Relações estéticas, atividade criadora e constituição do sujeito: algumas reflexões sobre a formação de professores(as). *Cad. psicopedag.*, 6(10), 1-17.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-10492006000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492006000100002)

**Contribuição dos autores:** G. S. T.: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto

**Recebido em:** 30/07/2024

**Aceito em:** 12/01/2025

**Publicado em:** 12/03/2025

**Editores convidados:** Eliane Dias de Castro